

Operadora:

Boa tarde e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência da Braskem para discussão dos resultados não revisados pelos auditores referentes ao 1T17. Estão presentes hoje conosco os senhores Fernando Musa, Diretor-Presidente e Pedro Teixeira, Diretor de RI, Controladoria e Project Finance.

Informamos que esse evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da Companhia, e, em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de assistência durante a conferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador, digitando *0.

Esse evento também está sendo transmitido, simultaneamente, pela internet, via webcast, no site de RI da Braskem, <http://www.braskem-ri.com.br/>, e na plataforma Engage-x, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. O replay deste evento estará disponível logo após seu encerramento. Lembramos que os participantes do webcast poderão registrar antecipadamente, no website, perguntas a serem respondidas durante a sessão de perguntas e respostas.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência, relativas às perspectivas de negócios da Braskem, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais, podem afetar o desempenho futuro da Braskem, e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora, gostaríamos de passar a palavra a Pedro Teixeira, Diretor de RI, Controladoria e Project Finance da Braskem, que iniciará a apresentação. Por favor, Pedro, pode prosseguir.

Pedro Teixeira:

Boa tarde a todos. Vamos dar início à teleconferência de resultados da Braskem do 1T17.

Seguindo ao slide número três, embora a Companhia siga evoluindo nas avaliações necessárias de seus processos e controles internos, conforme divulgado a mercado nos Fatos Relevantes de 22 de fevereiro e 28 de março de 2017, a Companhia ainda não concluiu os trabalhos junto aos auditores independentes, o que impossibilita divulgar as sensíveis informações devidamente revisadas.



Mas com o objetivo de manter o mercado informado sobre o desempenho operacional e financeiro, a Companhia vem a divulgar os resultados ainda não revisados pelos auditores independentes.

Seguindo para o slide número quatro, falaremos um pouco sobre os destaques das operações da Braskem no Brasil no 1T17. A taxa de operação de utilização dos *crackers* no Brasil foi de 95%, 5 p.p. superior ao 4T16, bastante influenciada pela normalização das operações na central da Bahia, que teve uma parada no 4T16, e recebimento de etano importado dos Estados Unidos no *cracker* do Rio de Janeiro.

A demanda de resinas – PE, PP e PVC – no trimestre acumulou 1,2 milhão de toneladas, uma expansão de 5% em relação ao 1T16 e em linha com o 4T16. As vendas de resina da Braskem no mercado doméstico foram de 844.000 toneladas, uma expansão de 8% em relação ao 1T16 e 2% em relação ao 4T16, apresentando, em ambos os casos, um aumento de market share.

As operações do Brasil também apresentaram um bom desempenho na parte de exportações, tanto na parte de resinas quanto de petroquímicos básicos, com aumento de 3,5% na parte de resinas em relação ao 1T16 e ao 4T16, e de 27% na parte de petroquímicos básicos em relação ao 1T16.

O EBITDA das operações do Brasil foi de US\$761 milhões, o que representa 68% do consolidado do segmento da Companhia.

No slide seguinte, número cinco, reforçarei a margem EBITDA das operações no Brasil, que atingiu no 1T 25%, saindo de 18% no 4T16 para 25% no 1T17, e um spread de resinas de US\$657 por tonelada, um crescimento de 1%. Essa margem crescendo em função do bom desempenho operacional, das altas taxas de operações e, principalmente, do spread de petroquímicos básicos, que cresceu bastante neste trimestre em comparação com o 4T16.

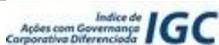
Seguindo para o slide número seis, damos um detalhamento um pouco maior para Estados Unidos, Europa e México. Estados Unidos e Europa operando com taxa de operação de 101%, 6 p.p. superior ao 4T16; lembrando que no 4T16 houve uma parada programada na unidade de Marcus Hook, nos Estados Unidos.

O volume de vendas acumulou no trimestre 534.000 toneladas, com crescimento de 7% em relação ao 1T16 e 6% em relação ao 4T16, o que foi o recorde da Companhia no trimestre em Estados Unidos e Europa, um mercado bastante aquecido.

O EBITDA dessas unidades de Estados Unidos e Europa acumulou US\$188 milhões, representando 17% do consolidado do segmento da Companhia.

É importante ressaltar que em janeiro foi dado início à operação da nova planta de UTEC, de polietileno de ultra alto peso molecular, inaugurada em La Porte, nos Estados Unidos, para atender fundamentalmente aos mercados americano e europeu.

No México, a taxa de operação média das plantas atingiu 97%, 24 p.p. superior ao 4T16, e em linha com o planejado no *ramp-up* da Companhia. A produção de polietileno no trimestre atingiu 250.000 toneladas, e se aproxima a uma taxa de operação de uma planta plenamente operacional.



As vendas totalizaram 274.000 toneladas, sendo que 47% deste volume já foram destinados ao mercado mexicano. O EBITDA do México atingiu US\$171 milhões, representando 15% do consolidado dos segmentos da Companhia.

Seguindo para o próximo slide, damos um detalhe um pouco maior do desempenho de Estados Unidos e Europa. Estados Unidos com uma recuperação de EBITDA, de US\$103 milhões para US\$188 milhões, comparando o 1T17 com o 4T16, e um spread mais ou menos estável, com uma queda de 3% no 1T nos Estados Unidos e um acréscimo de 3% na Europa, mas um volume de vendas bastante superior, 534.000 toneladas, conforme mencionado, o recorde de vendas entre Estados Unidos e Europa, nessas regiões.

Seguindo para o slide número oito, falamos um pouco sobre o desempenho do México. Vimos mostrando aqui uma taxa de operação bastante expressiva, de 97% desde dezembro de 2016, que seguiu em 99% em janeiro, 94% em fevereiro e 96% em março, atingindo a plenitude operacional, que era conforme o previsto pela Companhia.

É importante ressaltar o volume de vendas, que tem um aumento importante, significativo no atendimento ao mercado do México. O volume de vendas de exportação também cresceu com o maior volume de produção, mas a tendência agora é que cada vez mais sejam colocados mais produtos no mercado do México, e seja reduzido gradualmente o volume de exportação no México.

É importante mencionar, na parte de baixo do slide, um acréscimo bastante significativo do EBITDA da operação mexicana, e uma margem EBITDA de 57%, com a Companhia sendo beneficiada em função do spread de polietileno e preço do etano, que teve um acréscimo de 8%, atingindo em torno de US\$1.020 por tonelada, a diferença entre o preço do PE nos Estados Unidos, na região do Golfo, o preço do etano de Mont Belvieu, também na região.

No consolidado, seguindo para o slide número nove, a Companhia atingiu US\$1,1 bilhão de EBITDA, isso é equivalente a R\$3,6 bilhões, 45% superior ao mesmo período do ano passado.

O lucro líquido da controladora para os acionistas da Companhia foi de R\$1,8 bilhão. A alavancagem da Companhia continua em queda, atingiu 1,57x dívida líquida/EBITDA, sem considerar o acordo com as autoridades. Considerando o acordo firmado com as autoridades como uma dívida da Companhia, a alavancagem fechou em 1,82x.

Em março, a Companhia realizou o pagamento de uma penalidade com o Department of Justice, o departamento de justiça dos Estados Unidos, no montante de US\$95 milhões.

Seguindo para o slide dez, mostramos a evolução do EBITDA do 1T16 para o 1T17, que, como vocês podem ver, tem impactos bastante relevantes em câmbio. O Real se apreciou no 1T17 quando comparado ao 1T16, e isso é negativo para a Companhia, mas esse efeito foi mais que compensado em função de spreads, volumes e margem de contribuição; o volume aqui bastante impactado pela entrada em operação da planta do México, que ainda estava em fase pré-operacional no 1T16. A margem de contribuição é bastante impactada também na parte de petroquímicos básicos.



No perfil de alavancagem da Braskem, seguindo agora ao slide 11, a Companhia continua com uma posição de caixa bastante confortável, de US\$2,2 bilhões, uma dívida bruta de US\$7,5 bilhões e uma dívida líquida de US\$5,2 bilhões, com prazo médio de R\$17,1 bilhões. A cobertura da dívida, do caixa mais as linhas disponíveis para saldar os compromissos de dívida, é de 32 meses, bastante confortável, com custo médio da dívida de 5,64. Isso considera as dívidas em Reais passadas para USD, para que tenhamos um custo médio total da dívida da Companhia.

A alavancagem, como já havia mencionado, vem em queda, caindo do 4T16, de 1,68x, para 1,57x, ou, considerando o acordo com as autoridades, de 1,96x para 1,82x. A Companhia permanece *investment grade* pela Fitch e pela S&P.

Seguindo para o slide número 12, falamos agora sobre a parte de investimentos da Companhia. A Companhia realizou investimentos neste 1T17 de R\$285 milhões, que representam 16% do total de investimento projetado para a Companhia durante o ano.

Boa parte desses investimentos foi realizada no Brasil, e desse montante no Brasil, R\$20 milhões referem-se ao projeto de diversificação de matéria-prima no *cracker* da Bahia, que já atingiu aproximadamente 39% de progresso físico no 1T17.

Nos Estados Unidos, temos o montante de US\$8,7 milhões, que referem-se aos gastos com estudo do projeto de construção de uma nova planta de polipropileno nos Estados Unidos.

Seguindo ao slide número 13, mostramos a alteração de expectativa de entrada de capacidade de polietileno entre o 4T16 e o 1T17; a expectativa de adições de capacidade para o ano de 2017.

No 4T16, a expectativa era de que em 2017 entrassem 7,5 milhões de toneladas de polietileno. Houve uma queda nessa expectativa para 2017, de 7,5 milhões para 6,8 milhões de toneladas, isso muito em função de alguns atrasos, postergações de entradas de capacidade, principalmente na Índia e na China.

A parte superior direita do slide mostra um pouco das expectativas e a realização do spread de polietileno versus nafta no mundo. A expectativa do 1T era de US\$666 por tonelada, no 4T16, e a realização do 1T ficou 8% acima, em US\$721 por tonelada. A expectativa para o ano de 2017 que se tinha no 4T16 era de US\$664 por tonelada, e a expectativa agora já cresceu para US\$704 por tonelada, um acréscimo de 6% para o ano total de 2017, muito em função dessas postergações de entrada de capacidade de polietileno.

Seguindo para o slide número 14, mostramos um diagrama, que mostra de forma mais visual como foi o 1T17 e como vemos, de forma evolutiva, os 9M seguintes de 2017. Nós vemos, na parte de volumes, no mercado brasileiro, um volume no 1T em linha com o 4T16, e nós esperamos uma recuperação mais gradual e forte da Companhia no 2S17.

A expectativa é que a economia volte mais robusta e que o 2S detenha volumes superiores ao 1S17. A demanda continua forte nos Estados Unidos e Europa, e deve permanecer forte sem variações nos nove de 2017 comparando 1T17.



No México, principalmente no mercado local, como dito anteriormente, nós devemos colocar cada vez no mercado mexicano e reduzir as exportações com o menor valor agregado. Os spreads petroquímicos, nós vimos no 1T um destaque na parte de petroquímicos básicos, com preços de petroquímicos básicos bastante forte no mercado internacional.

A expectativa é que haja um remissão de preços nos nove meses de 2017, nós entendemos que esses aumentos foram pontuais no 1T. Devemos também ter preços menores de polietileno nos 9M17, em função das entradas de capacidade ao longo do ano, e melhores na parte de PVC.

É um mercado onde a demanda tem crescido, a entrada de capacidade de novas plantas é menor que o crescimento da demanda, então nós esperamos que os spreads de PVC ao longo de 2017 e 2018 cresçam.

Na parte de Estados Unidos e Europa, os spreads de PP-propeno ficaram ligeiramente inferiores no 1T17, e a expectativa é que esses spreads fiquem maiores nos nove meses de 2017, principalmente por uma maior disponibilidade de propeno em função da volta de operação de refinarias que tinham parado para manutenção no 4T16.

A volta da operação delas deve gerar um maior volume de propeno disponível no mercado e novas entradas de capacidade para produção de propeno a partir do final do 1S17.

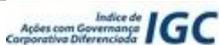
No México, na parte de spreads, nós tivemos spreads bastante positivos no 1T. A expectativa é que com a entrada de novas capacidades de polietileno na região do Golfo, os spreads de polietileno fiquem pressionados buscando uma redução do preço médio de PE na produção do Golfo.

Em resumo, o EBITDA do Brasil deve cair nos próximos nove meses de 2017, muito em função dos preços menores de petroquímicos básicos e polietileno. Uma parte dessa redução deve ser observada por uma recuperação da demanda do mercado brasileiro.

Estados Unidos e Europa nós estamos vendo uma manutenção no nível de EBITDA, talvez com um pequeno acréscimo nos nove meses de 2017, em função dessa recuperação de spread que a gente espera com as novas capacidades de produção de propeno, entrando em operação e refinarias voltando a colocar mais propeno no mercado.

E, no México, nós tivemos um EBITDA bastante positivo nesse 1T17. A expectativa de manutenção dessas taxas de operações altas, colocando mais volume no mercado mexicano, então, a expectativa é de um EBITDA razoavelmente estável para as operações no México nos nove meses de 2017.

Finalizando, com o slide número 15, sobre a parte de concentrações. A Companhia continua com as quatro concentrações principais com produtividade e competitividade, tem um operador de primeiro quartil, foco na eficiência operacional e comercial, a diversificação de matéria prima, ter a nafta e uma produção de petroquímicos e resinas mais balanceadas entre nafta e gás, diversificação geográfica ter a presença fora do Brasil com ganho de escala em PE e PP.



Resultado das operações internacionais acima de 50% no consolidado. Nós já atingimos nesse 1T 68% no Brasil e, 32% fora do Brasil. Tudo isso sob uma base de governança e reputação, voltar a ter o reconhecimento da Braskem como líder mundial e orgulho nacional no Brasil.

Muito obrigado, ficamos agora com a parte de perguntas e respostas.

Vicente Salanga, Bank of America:

Boa tarde a todos. Se me permitirem, eu tenho três perguntas. Primeira, vocês tiveram uma queima de capital de giro bem forte nesse trimestre, pelo menos bem acima do que nós esperávamos. Eu queria entender o que disso ainda é planta no México e o que nós devemos esperar para os próximos trimestres.

Segundo, se possível, nós queríamos bater uma conta no butadino, os spreads estiveram muito fortes nesse 1T. Pela nossa conta, o incremental do butadino gerado nesse trimestre versus o 4T seria algo em torno de R\$300 milhões no EBITDA, portanto, se o butadino não tivesse dado esse spike, um EBITDA mais normalizado no trimestre seria algo próximo de R\$3,3 bilhões. Eu queria saber se isso é algo que faz sentido para vocês.

E por último, teve muito barulho nesse trimestre em relação às investigações dos contratos da Odebrecht no México, alguns artigos até dizendo que a Pemex poderia potencial encerrar o contrato de fornecimento de etano, caso algo fosse descoberto. Enfim, se vocês pudessem comentar algo a respeito seria ótimo. Obrigado.

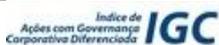
Fernando Musa:

Vamos começar com a primeira pergunta, capital de giro. Realmente houve uma variação importante, acho que é uma combinação de fatores. Primeiro, um resultado muito forte, com uma margem muito forte, tende a consumir caixa. O processo de estabilização da planta do México também leva a um pequeno investimento no capital de giro, mas também houve uma série de decisões no sentido de otimizar o fluxo dos contratos de matéria-prima, dados os bons resultados que nós estamos tendo nos últimos trimestres.

Também houve um esforço de otimização na busca de puxar mais dos contratos mais competitivos do ponto de vista econômico, o que teve um pequeno impacto também na geração de capital de giro.

Com relação ao butadino, eu não fiz essa conta, mas com certeza o impacto do preço do butadino no 1T foi muito significativo. O butadino chegou a bater quase US\$3 mil no trimestre. Esse preço já retornou a patamares mais normais, vamos chamar assim, por volta de R\$1 mil, um pouco acima, então realmente foi excepcional.

Como eu disse, os produtos em US\$ no EBITDA que você mencionou, nós não fizemos a conta. A nossa conta, se fizer a conta só do spread, nós temos cerca de R\$400 milhões de spread por EBITDA, tem alguma diferença, então a ordem de grandeza do impacto positivo do butadino está correta.



Com relação ao México, realmente houve um ruído muito grande na mídia no México, fazendo certa confusão entre as alegações relativas ao acordo da Braskem e as alegações relativas ao acordo da Odebrecht.

No fundo o que aconteceu foi uma confusão da mídia, em que a Odebrecht admitiu um pagamento de propina no mercado mexicano e alguns veículos da mídia deram notícias associando o nome da Braskem ao nome da Odebrecht, e falando uma inferência ou uma possível interpretação de que a Braskem teria admitido pagamento de propina no México.

Nós, obviamente, já deixamos claro para as autoridades lá e para a mídia no México, de que não é o caso. O acordo da Braskem engloba todos os fatos relativos ao processo da Lava Jato e similares, e só inclui fatos ocorridos no Brasil, porque foi o que aconteceu dentro do escopo Braskem.

Não procede a informação que a mídia passou, que haveria problemas por parte da Braskem no México. A Pemex tem o direito de fazer análise que achar relevante, mas é importante lembrar que esse contrato de matéria-prima é resultado de um processo de leilão internacional conduzido por advisors internacionais contratados pelo governo mexicano e pela Pemex lá atrás, em 2008, processo de leilão que se iniciou com mais de 30 empresas participando, onde a estrutura contratual era parte do leilão.

Então, foi sugerida pelo próprio leilão, onde basicamente os vários interessados 'bidaram' no desconto relativo à matéria-prima. A estrutura toda do contrato, a formulação toda do contrato veio diretamente da Pemex em um processo aberto a empresas internacionais, com participação de empresas internacionais e mexicanas também.

Do meu ponto de vista é um processo absolutamente transparente, que tirando os ruídos que a mídia está fazendo lá no México, não deve gerar outros impactos para a Braskem.

Vicente Salanga:

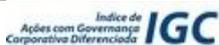
Fernando, muito obrigado.

Gustavo Alevatto, Santander:

Boa tarde a todos. Eu também tenho três perguntas. A primeira é em relação à demanda do mercado doméstico. Nós vimos um crescimento na parte de 6%, ano contra ano, muito devido ao efeito de comparação do 1T16. Eu queria saber se a expectativa de crescimento do mercado doméstico de 2% para 2017 ainda está mantida ou se dado o 1T vocês preveem rever para cima essa expectativa de crescente de demanda no mercado doméstico?

E ainda na parte de demanda no mercado doméstico, eu queria entender quais são os setores, o quão sustentável é esse crescimento de demanda.

Minha segunda pergunta está relacionada aos spreads nos Estados Unidos. Vocês colocaram na apresentação que a expectativa é para cima. Eu queria entender se



essa expectativa está baseada no início da hidrogenadora que está atrasada ou algum outro fator específico.

E o terceiro, parte de dividendos. Vocês apresentaram um resultado bem forte nesse 1T, a expectativa para o restante do ano são resultados sólidos. Eu queria entender se vocês vão esperar o resultado fechado do ano de 2017, para eventualmente fazer algum anúncio de dividendos, ou nós podemos ver algum tipo de antecipação de pagamento de dividendos de 2017 já quando vocês anunciaram o resultado do 2T. Obrigado.

Fernando Musa:

Boa tarde, Gustavo. Falando sobre a demanda, nós no ano passado mencionamos que a nossa expectativa era um crescimento entre 2% a 3% no mercado de resíduos em 2017 em relação a 2016. O 1T foi positivo, a demanda cresceu entre 5% e 6%, mas não há ainda expectativa de mudarmos drasticamente essa expectativa para o ano.

Como você mesmo disse na sua pergunta, o 1T16 foi de volumes muito baixos, ou seja, estava incorporado na nossa expectativa para o ano. Se nós compararmos a demanda no 1T com o 4T, nós vemos basicamente um volume similar entre os dois trimestres, e a expectativa agora é que para o resto do ano nós tenhamos pequeno crescimento que se a economia seguir no ritmo esperado, nós fechamos o ano de 2% a 3%.

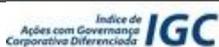
Com relação aos setores, eu diria que nós tivemos bons resultados no 1T, basicamente, na maioria dos setores. Alguns destaques, começando com os clientes de petroquímicos básicos, vários deles tiveram margens internacionais muito positivas e, portanto, rodaram bem cheio graças ao aumento de exportação por parte deles, fenômeno que também aconteceu do lado da Braskem, do ponto de vista de petroquímicos básicos e vários setores com competitividade para exportação.

Do ponto de vista de resíduos, nós tivemos alguns setores que merecem destaque por serem pequenas surpresas. Eu nomearia dois, e automobilístico, que veio mais forte do que nós esperávamos, muito mais em função das exportações deles do que demanda interna de automóvel. E também do ponto de vista de construção civil, o mercado de PVC teve uma recuperação bastante forte, de uma base extremamente deprimida.

Teve um crescimento acima de 15% trimestre contra trimestre, a primeira indicação de que a construção civil começa a retomar, pelo diálogo com os nossos clientes, parece ser primeiro mais ou pequenas obras, pequenas reformas do que construção de novas casas, mas já é um primeiro bom sinal que as coisas começam na direção positiva.

Como eu disse, o mercado específico de construção civil muito deprimida a base, então qualquer crescimento vai ser muito expressivo, mas esses dois setores acho que merecem destaque.

Com relação à sustentabilidade dessa demanda, se a economia brasileira seguir apresentando bons sinais de estar começando a recuperação, eu acho que vai ter impacto para todos os setores e essa estimativa de crescimento de demanda entre 2% e 3% vai se materializar ao longo do ano.



Com relação a spread de PP nos Estados Unidos, a nossa expectativa é uma pequena melhora em função do retorno das refinarias que têm uma temporada muito forte de paradas no 1T, mas também a partir da terceira (33:56) de propano que vai acontecer no fim do 2T, começo do 3T, que vai colocar um volume adicional de propano no mercado, que deve aumentar a competitividade dessa molécula e impactar positivamente os spreads para a Braskem.

Por último, na questão de dividendos, o resultado do ano passado foi um prejuízo, então tem dividendo declarado em relação a 2016 com relação a possível distribuição (34:31) em função do plano de 2017. Acho que vai depender primeiro da continuidade dos resultados, mas principalmente de uma decisão dos acionistas de como (34:43) o fluxo de caixa e o resultado que vai ser gerado, quando os acionistas tomarem a decisão, obviamente o mercado será informado imediatamente.

Gustavo Alevatto:

Está claro, muito obrigado pelas respostas.

Diego Mendes, Itaú BBA:

Boa tarde a todos. Eu também tenho algumas perguntas. A primeira é relacionada ao atraso que nós estamos vendo na divulgação dos números auditados pelos auditores. Se vocês pudessem comentar conosco qual é o prazo legal e efetivo que vocês têm antes de entregar qualquer coisa relacionada à dívida da Companhia.

A segunda pergunta é sobre o share de produtos no mercado mexicano. Como é que vocês veem a evolução entre o share e o que está sendo vendido para o mercado doméstico e para o mercado de exportação? Como vocês estão vendo a diferença de preço do que está sendo vendido no mercado doméstico versus o exportado?

E por último, só na questão de PP de Estados Unidos. Como está a demanda no mercado e quanto dessa demanda está sendo suprido por importações? Nós temos visto que quando houve uma demanda muito forte no mercado americano acabou entrando algum produto importado dado a diferença de preço entre mercado americano e mercado asiático. Como vocês estão trabalhando com isso durante esse ano também? Obrigado.

Fernando Musa:

Com relação ao atraso das DFs, do ponto de vista de prazo legal, o prazo para as DFs no Brasil venceu no fim de abril. Nós continuamos trabalhando com os auditores para resolver isso. Com relação a 20F o prazo também era no fim de abril, tem uma extensão automática para o dia 17 de maio, que é daqui dois dias, em função do provável atraso em mineração é nessa data. Nós vamos comunicar ao mercado o que nós vamos fazer, provavelmente no dia 18.

Com relação ao share no mercado interno e no mercado externo no México, nós já estamos atingindo cerca de 50/50 no volume. A nossa expectativa é que ao longo do ano esse percentual aumente com relação à venda no mercado interno. Lembrando que muito provavelmente o complexo no México será estruturalmente exportador,



mesmo em regime para atender a América Central e alguns relacionamentos que temos nos Estados Unidos, que têm demandado o nosso produto a partir do México.

Com relação à diferença de rentabilidade na importação e exportação, no 1S nós tivemos uma situação um pouco atípica pelo aumento de spread na Ásia, que acabou dando uma margem relativamente boa e próxima do que se consegue no mercado interno.

Essa situação deve reverter para o normal, onde o mercado interno tem uma rentabilidade melhor do que a exportação. Acho que a boa notícia é que isso está acontecendo no momento em que o ramp-up de vendas no mercado interno está acontecendo, então na transição natural que os relacionamentos com os clientes estão demandando mais volume, vai coincidir com os spreads das exportações caírem um pouco, então deve ajudar a operar, manter os seus spreads, e portanto, a sua rentabilidade.

Nos Estados Unidos, o mercado de PP segue uma demanda forte e no ano passado vários dos players fizeram pequenos investimentos nas plantas para fazer esse desgargamento, inclusive a própria Braskem fez um investimento muito relevante em uma das suas plantas, que foi implantando em outubro e novembro de 2016. Apesar desses esforços, o mercado continua importador, em um volume um pouco menor do que aconteceu no 1S16, mas a própria Braskem segue exportando PP para os Estados Unidos, a partir do Brasil, para poder suprir a demanda dos seus clientes.

A expectativa é que no ano como um todo a importação fique similar ou até um pouco acima do volume de importação do ano passado, em função do crescimento da demanda, e o fato de que a maioria das plantas de produção de PP nos Estados Unidos já está chegando no seu limite pré-operacional, o que vai abrir espaço para o nosso projeto de construção de uma planta nova.

Como o Pedro disse na apresentação, nós estamos finalizando os estudos e a expectativa é que em um futuro próximo esse projeto possa ser levado ao Conselho para construção de uma nova linha de produção de PP nos Estados Unidos, dada a expectativa que o mercado vai ficar estruturalmente importador até uma onda de construções de plantas novas nos Estados Unidos.

Diego Mendes:

Está ótimo, muito obrigado.

Felipe Gouveia, Bradesco:

Boa tarde a todos, obrigado pela pergunta. Vocês poderiam comentar um pouco a visão de vocês para 2018, esse slide que vocês colocaram – muito interessante – colocando a visão para o final do ano. Eu queria saber como vocês estão vendo a dinâmica de PA e PP versus NAFTA para 2018, e também um pouco da dinâmica PP e gás nos Estados Unidos. Obrigado.

Fernando Musa:

Com relação a 2018, vou começar com o polietileno, como nós mostramos na apresentação, os projetos de implantação de polietileno estão atrasando, alguns deles



estão sendo deslocados no tempo de forma significativa, de forma que se nós olharmos a expectativa que tínhamos de novos aumentos de capacidade no fim do ano passado, estava se falando de 7,5 milhões de toneladas para 2017, agora já estamos falando de 6,8 milhões.

Em três meses já se cortou, como expectativa de partida para esse ano, 700 mil toneladas, que é quase uma planta e meia de escala mundial. Esse fenômeno deve escorregar para o ano de 2018, então nós devemos seguir um cenário de compressão dos spreads, em função das partidas das plantas de polietileno, mas é possível que essa redução seja menos significativa, menos aguda do que se imaginava lá atrás.

Quando nós pensamos no ano de 2018, se o petróleo ficar onde se espera ou até abaixar um pouco, pode até haver uma pequena abertura de spread para a cadeia NAFTA. Vai depender muito do preço do petróleo, mas hoje existe uma possibilidade da NAFTA cair um pouco.

A manutenção do preço internacional de polietileno poderia levar, no cenário, a um pequeno aumento de spreads. No PP eu acho que com a estabilidade do petróleo e o fato de PP vir de várias frentes de matéria-prima que tende a estar mais correlacionada com o petróleo, o petróleo estando estável, você deve ter uma estabilidade no preço do polipropileno, com uma vantagem de que o propeno, mesmo nos Estados Unidos deve se tornar bem mais competitivo, com a partida da nova PDH, que vai operar cheio em 2018 e o petróleo se manteve no patamar esperado, na faixa de 45 a 55.

Parece que a produção de petróleo nos Estados Unidos vai seguir forte e se ela seguir forte as refinarias nos Estados Unidos devem rodar com taxas de (43:43), o que vai gerar propeno de refinaria também. A expectativa é de manutenção, e talvez até pequena melhoria dos spreads nos Estados Unidos, em função da maior competitividade do propeno, especialmente se a demanda seguir forte como ela vem seguindo nos últimos anos, com crescimento importante de demanda de PP.

Felipe Gouveia:

Perfeito, muito obrigado.

Luiz Carvalho, UBS:

Boa tarde a todos. Eu vou seguir a maioria e me permitir fazer três perguntas, e talvez duas delas voltando a assuntos que já foram abordados. Se eu pudesse começar pela investigação no México, que você citou que houve uma confusão na imprensa, algumas coisas que saíram de acordo com o que você mencionou, não foram muito apropriadas.

Eu só queria entender, do ponto de vista de vocês hoje, qualquer tipo de investigação que aponte um pagamento de propina da Braskem, até agora isso não foi descoberto ou levantado. Só para entender qual é o tipo de risco que nós, do ponto de vista dos investidores, poderíamos correr de em algum momento, conforme essas investigações forem acontecendo, alguma coisa possa acontecer. Só para entender, o risco é zero, 10%, 5%? É alguma coisa relevante ou não?



Segundo, em relação à estrutura de capital de vocês, nós vemos um processo de desalavancagem acontecendo, uma alavancagem comportada, bem confortável. O CAPEX também, eu sei que existe uma sazonalidade, mas o dispêndio de vocês no 1T foi até um pouco abaixo do que nós tínhamos e quando nós olhamos para frente, apesar dos investimentos que vocês têm dos Estados Unidos, nós não vemos nada muito relevante. Isso levaria a entender que se você tiver um fluxo de caixa como nós temos projetado aqui, haveria uma possibilidade bastante grande de pagamento de dividendos.

Eu só queria entender isso, como é que funciona do ponto de vista de novos projetos, se vocês estão olhando algum tipo de oportunidade, seja no México, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil. Seria essa minha pergunta.

E a terceira pergunta, se vocês pudessem dar um update de como está o processo de diversificação de fornecimento de matéria-prima, principalmente aqui no Brasil, que eu acho que é uma das coisas importantes para ter um pouco mais de garantia de uma matéria-prima mais competitiva aqui no mercado doméstico. Obrigada.

Fernando Musa:

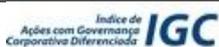
Eu vou começar com a sua primeira pergunta. Como eu disse, o processo que levou a ao acordo global envolveu uma investigação interna bastante detalhada, que começou em março de 2015 e não identificou qualquer tipo de ato ilícito fora do Brasil. O nosso acordo, que é global, incorpora todo o resultado da investigação interna e não há ato ilícito identificado fora do Brasil.

Com relação à estrutura de capital, nós projetamos uma fase importante com processos de investimentos bastante fortes, puxados pelo investimento no complexo do México e estamos nos últimos trimestres em uma situação muito positiva, do ponto de vista operacional e comercial, que se traduz em bons resultados de fluxo de caixa, que permitem a desalavancagem.

Acho que a questão dividendo versus novos projetos vai ser o diálogo que nós vamos manter com o conselho. Já existe um projeto claramente identificado, que é essa possível planta de polipropileno nos Estados Unidos. A administração da Companhia, como você pode imaginar, segue na busca das boas oportunidades nas suas áreas de atuação. À medida que essas forem surgindo, serão apresentadas para o Conselho, que vai poder tomar a sua decisão com relação à destinação do fluxo gerado, a decisão de dividendos *versus* novos projetos é uma decisão do Conselho que segue um conjunto de parâmetros. O principal deles é um desejo de manter a alavancagem da Companhia abaixo de 2,5x – o EBITDA.

Então, temos espaço para seguir, perseguindo e identificando novos projetos e também para seguir pagando dividendos. Será uma decisão dos acionistas.

Com relação à matéria-prima no Brasil, o nosso contrato de NAFTA foi assinado em dezembro de 2015 com prazo de duração de cinco anos. Então, ainda estamos na primeira metade dele. É um tema, obviamente, de muita relevância estratégica para a Companhia. É um tema que é uma prioridade minha mediada com a Petrobras, mas muito mais no sentido de desenvolvermos um arcabouço, um *framework* de discussão para a renovação desse contrato. Estamos longe do fim dele, mas dada a sua relevância é um diálogo da melhor forma de fazer essa discussão lá na frente.



É óbvio que com o desenvolvimento do pré-sal, com as decisões recentes do governo e da própria Petrobras relativas a desinvestimentos de algumas áreas de exploração e/ou decisões da Petrobras de participar ou não de leilões de novas áreas, é possível provar que, no futuro, outras fontes de matéria, ou seja, outras empresas, estejam produzindo no Brasil, o que vai abrir um espaço para diálogos não só com a Petrobras, mas com outros detentores de matéria-prima, que, com certeza, será uma prioridade para a Companhia, dada a nossa posição no mercado brasileiro; o diálogo com todas as empresas que tenham essa matéria-prima.

Nós focaremos no diálogo com a Petrobras e com eles em busca do contrato competitivo para que possamos manter a resiliência do sistema como um todo da Braskem para competir globalmente.

Isso vai focar não só na NAFTA, obviamente NAFTA é muito importante, mas também na disponibilização de retorno em função da produção de gás, aqui, no Brasil e/ou a disponibilidade de etano em outros países. Nós já anunciamos e começamos investimentos para importar etano para criar acessibilidade no *cracker* de Camaçari – esse projeto ficará pronto na segunda metade do ano. Com isso, poderemos continuar importando etano nos Estados Unidos ou eventualmente usar etano do pré-sal para suplementar o nosso *mix* de matéria-prima, aqui, no Brasil.

Luiz Carvalho:

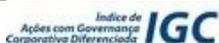
Só pegando o gancho dessa última pergunta, se você puder fazer um pequeno *follow-up* – a taxa de utilização dos crackers de vocês foi relativamente alta neste trimestre. Vimos, basicamente, todo o mundo acima de 95%, especificamente os Estados Unidos rodando até acima de 100%. Isso é uma coisa sustentável? É uma coisa na qual vocês acreditam que dê para ao longo do ano? Ou dá para esperar alguma coisa um pouco mais baixa do que esse nível que vimos no 1T?

Fernando Musa:

Essa taxa de utilização é consequência de uma série de ações que vêm sendo tomadas ao longo dos últimos anos, seja do ponto de vista de investimento nas contas industriais, seja no investimento em treinamento e desenvolvimento das equipes para buscar melhor gestão operacional. Então, no meu ponto de vista, é um resultado sustentável. Como eu disse, algumas plantas passaram por investimentos que levam a pequenos desgargalamentos. É óbvio que quando temos uma parada em algumas centrais, isso vai impactar. Nós temos uma parada grande prevista na central do Rio de Janeiro. Será a primeira parada relevante dessa planta desde que ela partiu em 2006/2007. Então, será uma parada importante.

Mas tirando essas paradas, nós acreditamos que estamos em um novo patamar de eficiência operacional no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, onde as plantas são mais antigas. E no México, agora, uma nova planta nova está rodando. Na verdade, nós estamos começando – graças à estabilidade operacional (KPB) – a testar os limites do ativo que foi construído e ver até onde ele consegue rodar e tocar.

Então, é o resultado pelo qual esperamos e que sustentável, obviamente, como eu fiz o comentário, tirando as paradas que impactarão, e me pergunto como evitaremos esses impactos.



Luiz Carvalho:

Está bem. Ficou claro. Muito obrigado. Abraços. Tchau.

Felipe Santos, JP Morgan:

Bom dia a todos.

Na verdade, são algumas perguntas simples. É mais um *follow-up* de alguns comentários que foram feitos no *call* do 4T do ano passado. Eu lembro que havia uma ação implementada pela Braskem para reduzir custos – eu queria saber como está o andamento dessa ação, dada a sua possibilidade de relevância em 2018, com os spreads um pouco menores.

E, segundo, você conseguiria dar um pouco mais de detalhes sobre a situação do *working capital*? Exatamente o que aconteceu, quanto veio da planta do México, quanto foi no Brasil? Obrigado.

Fernando Musa:

Sim, falando da gestão de custos, o programa de investimentos de gestão de custos que nós batizamos de Aprimore foi implementado há algum tempo e ele gerou resultados muito bons, até acima do esperado. Nós atingimos cerca de R\$400 milhões de redução de custos recorrentes no fim do ano passado. Esse resultado já está impactando o nosso DRE ao longo de 2017 e para 2018, seguirá dando resultados.

Existem algumas ações ainda que estão em fase final de implantação e algumas delas foram implantadas ao longo de 2016 e terão impacto cheio mais para o ano de 2018, mas, como eu disse, o resultado tem sido positivo e acima do que estávamos esperando, acima de R\$14 milhões, de redução de custos em bases recorrentes.

Com relação a isso e ao seu impacto no capital de giro, o grosso do impacto não foi no México.

O México tem uma pequena contribuição, mas não é o principal provedor. Como disse, os principais drivers foram, primeiro, um EBITDA mais forte, com preço forte que gera um investimento maior no capital de giro na contas a receber.

O outro impacto foi na linha de fornecedores, onde a gestão dos contratos, a maior liquidez que nos tivemos permitiu que nós focássemos mais no aspecto econômico e no custo e esse trade-off é feito de forma contínua, dado que temos vários contratos de matéria prima. Esses foram os principais contribuidores para o fluxo de caixa.

Felipe Santos:

Ou seja, nós não podemos esperar que isso se repita nos próximos trimestres. O próximo trimestre deve ser bem menor, a variação do *working capital*.

Fernando Musa:

A expectativa é sim, mas como é importante lembrar toda a questão de precipitação dos produtos vai ter um impacto, seja na matéria-prima e em contas a pagar e na



margem e no preço absoluto, no contas a receber. Do ponto de vista de gestão de estoque, eu acho que estamos em um bom momento, com um estoque em um patamar adequado.

É lógico que mês a mês isso acaba fluando, em função de mês mais forte, mês menos forte, mas de modo geral a gestão do estoque está sendo feita com muito cuidado para que tenhamos a condição de entregar um bom nível de serviço para os nossos clientes.

Pedro Medeiros, Citibank:

Boa tarde. Parabéns pelo resultado. Obrigado pela pergunta. A maior parte das minhas dúvidas já foram esclarecidas, mas ainda assim eu ainda tenho uma ou duas perguntas. Eu queria voltar ao tema do capital de giro, porque quando notamos o resultado e, principalmente, faz a divisão entre México e Brasil, ou, desculpa, o que a Braskem, sem ser Braskem Idesa, a gente nota que o principal incremento de fato foi na conta de fornecedores, da ordem de R\$1.2 bilhões, e é um número bem grande.

Eu queria entender se de fato houve alguma mudança no relacionamento comercial com a Petrobras para esse trimestre ou se isso aqui foi direcionado para um nível muito maior de importação de nafta, enfim, qualquer tipo de granularidade maior que você puder dar dessa variação de conta de fornecedores, eu agradeceria, inclusive, para entender de fato a recorrência dela.

A minha segunda pergunta tem a ver com a operação da RioPol. Eu achei bem interessante o fato de que houve algumas cargas de etano importadas para a RioPol nesse trimestre. Eu sei que o volume no trimestre foi totalmente ignorável, do ponto de vista operacional, mas o que vocês puderem comentar sobre expectativas de que esse tipo de operação aumente nos próximos trimestres.

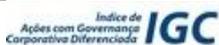
Eu entendo que existe algum tipo de flexibilidade crescente para esse tipo de operação, dado o investimento que vem sendo feito na planta de Camaçari, e qualquer tipo de caracterização que você possa dar agora que essas cargas se materializaram no trimestre, sobre como o preço Sif, dado o preço corrente da matéria-prima, se compara com o preço da Petrobras. Essas cargas são bastante competitivas, por esse ponto de vista, também?

E, por último, é muito mais uma questão qualitativa de monitoramento que a gente faz aqui no mercado. Dada a previsão do início da operação da Enterprise, e diante do contrato que vocês têm com a Companhia, aos preços correntes é possível inserir que o startup dessa planta vai contribuir positivamente pro EBITDA nesse momento, ou ainda é muito cedo para dizer? Obrigado.

Fernando Musa:

Sobre o contas a pagar relativo à matéria-prima, o impacto é mais no fornecedor que na Petrobras. Não houve mudança relevante do ponto de vista estrutural com a Petrobras. Houve sim, a gestão no dia a dia dos vários contratos, então, pode ser que no momento específico tenha puxado mais ou menos do contrato da Petrobras.

A grande variação, como eu disse, foi o fato de que depois de muitos anos, onde a Companhia estava num ciclo muito forte de investimentos, nós fizemos uma série de



esforços na busca de fornecedores com prazo mais longo, mas obviamente com consequências para o custo dessa matéria-prima, com a melhor geração de caixa e fim do grande ciclo de investimento, a estabilidade da planta do México, a gestão no dia a dia pôde privilegiar os aspectos econômicos pra fortalecer a competitividade de custo com impacto, num primeiro momento, óbvio, no capital de giro, mas uma vez feito esse ajuste a gente pode afirmar que daqui para frente o impacto desse ajuste será menor. Ele vai ser gradual, uma boa gestão do trade-off resultado econômico versus resultado financeiro.

Do ponto de vista da operação do cracker de Duque de Caxias, o etano importado, são dois navios no 1T, e já tem um terceiro que está sendo desembarcado agora, finalizou a semana passada, não teve um impacto muito relevante na taxa de operação, porque os dois primeiros acabaram chegando no momento que havia uma parada prevista da refinaria de Duque de Caxias, que iria reduzir o fornecimento de etano, porque o etano passa pela refinaria.

Além do que, um pouco antes da parada, a refinaria sofreu um pequeno incidente, que levou a um incêndio, a parada aconteceu mais cedo, mais longa do que o previsto, porque teve um impacto no fornecimento por parte da Petrobras de etano. Nós demos sorte que os dois navios já estavam a caminho, e chegaram no momento que permitiram que nós seguissemos operando com uma taxa boa, mas não tão boa quanto seria possível com a disponibilidade local.

A expectativa para o resto do ano é que a Petrobras siga fornecendo de forma bastante importante. Aparentemente a produção do pré-sal, o gás contém uma quantidade de etano importante e o fornecimento da Petrobras vem melhorando ao longo dos últimos trimestres e a nossa expectativa é que isso siga. Nós tínhamos trazido esses dois navios em função da parada, com o incêndio nós decidimos trazer um terceiro navio. Então, era algo planejado por causa da parada da refinaria. E agora, no 2S, será muito em função do fluxo que nós recebemos do contrato das Petrobras.

Com relação à competitividade desse etano importante, obviamente trazer o etano não vem sem custo. Nós estamos falando aí de U\$200 e poucos por tonelada de frete, mas no equilíbrio entre rodar a conta que já tem todos os custos pagos pelo fornecimento que recebemos da Petrobras, portanto, toda a contribuição marginal, isso tem se mostrado bastante competitivo, e nós vamos seguir fazendo isso dentro do limite do etano disponível no contrato, indo para a frente.

Por último, falando da PDH da Enterprise, nós temos um contrato com a Enterprise, como você mencionou, mas acho que o impacto mais relevante para o custo da operação lá nos Estados Unidos é o fato que a partida da PDH vai contribuir para o aumento de oferta de propeno, e com isso o preço médio do propeno no mercado americano deve se tornar ainda mais competitivo, o que vai contribuir para a competitividade do nosso custo de produção e, portanto, vamos, devemos ter, como disse antes numa pergunta, uma melhoria da rentabilidade lá nos Estados Unidos.

Pedro Medeiros:

Está ótimo. Obrigado.

Operadora:



Obrigada. Não havendo mais perguntas, gostaria de passar a palavra para a Companhia para as considerações finais.

Fernando Musa:

Primeiro eu gostaria de agradecer a atenção de vocês e as perguntas. Para encerrar, eu queria só de lembrar alguns pontos importantes. Nós tivemos um resultado muito forte, muito expressivo nesse 1T. A combinação de uma excelente eficiência operacional, dentro do ponto industrial quanto comercial, mas também de uma boa rentabilidade mundial. A contribuição da planta mexicana, operando a plena carga, sem dúvida, também foi um fator muito relevante para o resultado do 1T.

Nós tivemos spreads excepcionalmente bons com relação a petroquímicos básicos no 1T e devemos manter bons spreads pro resto do ano, mas é importante que todos entendam que houve uma excepcionalidade, tanto do ponto de vista de petroquímicos básicos, como do ponto de vista de polietileno. A expectativa é que para o resto do ano os spreads sejam um pouco menores do que o 1T do ano passado. Ainda em patamares muito satisfatórios, mas um pouco menores que o 1T.

A demanda no Brasil começa a dar primeiros sinais de recuperação, o que é boa notícia. Acho que agora é acompanhar o que está acontecendo do ponto de vista da economia como um todo, para ter mais mais clareza sobre isso. E fora do Brasil, México, Estados Unidos, Europa, nós temos visto uma demanda bastante saudável, o que é bom para a Companhia.

Só para finalizar, o nosso programa de conformidade segue sendo implementado de forma muito intensa. Hoje, esse programa já engloba mais de 150 iniciativas, das quais 60 já foram totalmente implementadas e as outras estão em implementação. Esse esforço reforçará ainda mais a nossa habilidade de seguir os nossos compromissos assumidos, quando fechamos o acordo com as autoridades e, com certeza, ajudará a Braskem a ser cada vez mais uma empresa ética, transparente e em conformidade com todos os compromissos que assumiu.

Então, quero mais uma vez agradecer a presença de todos e até o próximo trimestre.

Operador:

Obrigada. A teleconferência dos resultados da Braskem está encerrada. Desconectem suas linhas, e tenham uma boa tarde.